

1

Às vezes, à mesa, quando era pequeno, para introduzir um apeedeiro na eternidade do trajecto de engolir uma sopa de que não gostava, e depois de piscar o olho a uma das minhas irmãs ou primos, fazia deslizar, dissimuladamente, a lâmina da faca de sobremesa por sobre o gume de uma outra faca, vizinha dos meus talheres. Era o suficiente para criar um saboroso *intermezzo*, pois, muito em breve e para gáudio de todos nós, a minha mãe assinalaria a alteração com a frescura de uma previsível advertência:

«Descruza-me essas facas; já sabes que não gosto de ver facas cruzadas.»

«Ora!, porquê, mãe? Que é que tem?...», implorava um de nós, dando corda à explicação.

Facas cruzadas pressagiavam guerra no seio da família, tão certo como saltar sobre um corpo deitado e não repetir o movimento no sentido contrário impediria esse corpo de crescer; pôs um chapéu sobre uma cama; abrir um guarda-chuva dentro de casa...; a minha mãe conhecia um vaticínio para cada acontecimento, um augúrio, benfazejo ou aziago (mais frequentemente aziago), acorrentado a cada procedimento.

Nesta intricada tabela de interpretação e conduta para os mais insuspeitos gestos do quotidiano, a minha mãe dedicava um capítulo especial às aves, praticamente todas elas indicadores de fu-

nestos desenlaces futuros, fosse o desanimado pio de mochos e corujas, a restolhada aflição de um pardal acidentalmente aprisionado dentro de casa, o voar inocente de pássaros sobre a nossa cabeça, até às aves tombadas em caminho que estivéssemos a atravessar. Nada disto, segundo a sua convicção, era muito bom para a fortuna de quem tivesse a desdita de estar por perto no momento.

«Crendices!», rematava o meu pai com ar gozão, estribado na solidez pragmática da sua perspectiva de vida.

No meu caso particular, nunca me considerei demasiado supersticioso; pelo menos daquele género de andar em permanência enredado na melancolia ou na ansiedade de possibilidades sinistras. Pelo contrário: se assimilei alguma da soturna fé da pitonisa que tinha em casa, ela foi temperada pela filosofia solar do meu pai e, se, ainda hoje, sobre a minha cabeça sucede cruzar um par de pássaros rumo ao sul, ao norte ou ao poente, acho a circunstância de bom agouro.

Mas por um qualquer estúpido automatismo atávico, quando na manhã do dia 1 de Janeiro de 1999 abri a porta de casa e deparei com o cadáver recente de um minúsculo pássaro na soleira, uma parte remota da minha mente não conseguiu evitar um pensamento sincronizado com o velho diapasão materno:

«Qual delas morrerá primeiro?»

Elas... Elas eram a minha mãe e a Judite, uma amiga de Viseu, casada com um grande amigo meu. Ambas padeciam do mesmo tipo de cancro, ambas tinham sido operadas com aparente sucesso e durante uns anos tudo corraera bem, numa ausência de notícias que todos desejámos e confundimos com uma cura. Até que, insidiosamente, num daqueles dias cuja data nunca esquece, uma dor fina, um súbito cansaço ao subir de uma rua... E eis o pesadelo de novo instalado, o roteiro das últimas estações do calvário revelado nas impiedosas nuvens a preto e branco das radiografias e dos TAC¹. E a vida que assim corria, tão maioritariamente serena.

¹ TAC — tomografia axial computadorizada.

Quanto ao pássaro morto, concluía a metade objectiva da minha mente, este era, provavelmente, uma atenção da nossa gata Tangerina, que tem o hábito de arrastar para dentro de casa inesperados presentes: pássaros, lagartixas, gafanhotos e outros troféus igualmente interessantes. E a avezinha ali jazia, encahada na borda do capacho da porta de entrada; uma asa desdobrada recordando um leque desengonçado, um punhado de penas tristes dispersas pela tijoleira.

A minha mãe partiu à frente, nos primeiros dias de Março, quando o Inverno se preparava para passar a rédea das estações à Primavera, rebentavam já gomos verdes nas hortênsias da casa dos meus pais. A Judite, essa deixou-nos seis meses depois, no início de Outubro, acabara o Outono de chegar e, em Viseu, um ventinho cortante podava as primeiras folhas na Avenida das Tílias e punha a alma dos que regressavam do cemitério ainda mais infeliz.

Mas espreitar o tempo que há-de vir tem os seus riscos, todas as histórias, todas as fábulas o repisam e, geralmente, o aprendiz de feiticeiro acaba por se dar mal ao ousar espiolhar as entranhas de matéria tão delicada, reservada aos deuses e outras entidades superiores devidamente licenciadas. Eu não fui excepção e, destinatário de uma bofetada envolta em incorpórea luva, alguém encarregou o futuro, em relativo curto prazo, de me demonstrar como fora ingénuo na interpretação dos presságios daquela primeira manhã de 1999.

Pois eu estava então longe de adivinhar, de sonhar sequer, que a meio caminho desse pedaço de tempo sobre o qual conjecturava entre a morte da minha mãe e a da minha amiga Judite, haveria ainda um espaçozito para a minha própria morte, a qual ocorreria, se eu tivesse entendido tudo o que o pássaro tinha a transmitir, na derradeira semana da Primavera, em dia e hora a precisar.

2

Moro à beira-mar, numa rua sossegada, uma dúzia de km a sul do Cabo Carvoeiro, essa linha mágica que, a crer nos boletins meteorológicos d'outrora, dividia o país em dois: a norte, a metade do tempo irremediavelmente chuvoso, e, a sul, a metade do tempo invariavelmente balnear.

Mas isso foi nos bons velhos dias, antes de as cegonhas ousarem subir de Alcácer do Sal para vir nidificar sobre os postes de alta tensão que bordejam o Mondego; quando o tempo parecia eterno e se podia confiar na constância das estações do ano. Ainda não há muito tempo estive a glosar o tópico com a enfermeira Edmea que encontrei a subir a Travessa da Misericórdia, regressava eu de almoçar. Nessa semana já chovera por três vezes, duas das quais torrencialmente, e Maio, um mês habitualmente tão doce nos climas meridionais, ia quase no fim! Não, não era possível que o tempo não estivesse a mudar; apesar do que iam dizendo os meteorologistas, numa conversa que, embora recheada de tranquilizantes «médias mensais e anuais sensivelmente semelhantes a períodos homólogos», não convenciam ninguém.

Pela parte que me toca, em termos de explicação, estava disposto a dar-me por satisfeito com os derivados da teoria do buraco na camada de ozono e os desequilíbrios que esse género de coisas sempre provocam no clima, mas a enfermeira Edmea surpreendeu-me com a férrea convicção de que tudo era consequência dos excessos em satélites, foguetões e artefactos congêneres que o Homem enviava para o espaço, saturando a atmosfera! Talvez a teoria da enfermeira Edmea estivesse um pouco fora de época, mas isso que importa se o problema era exactamente esse: que chamar a um tempo destes em Maio, senão fora de época? E o calor que fez este ano em Fevereiro e Março? Um tempo de Verão!

«O meu rapaz fartou-se de tomar banhos na praia!», dizia eu, partilhando com ela o meu assombro.

Junho trouxe os dias longos, mas arrancou incharacterístico; por vezes acinzentado, às vezes luminoso. Indeciso, nem carne nem peixe, nem frio nem quente. Neste tempero rolava eu a 17 de Junho, uma quinta-feira que passei a trabalhar e se escoou sem história, numa rotina perfeitamente semelhante aos dias que a antecederam. Ao fim da tarde regressei a casa e trabalhei mais um pedaço antes do jantar. À data presidia a um júri de um concurso com vinte e cinco candidatos e a quantidade de currículos que atafulhavam o meu quarto (local onde os enfiara por falta de outro espaço e, sobretudo, para não esquecer a tarefa que me esperava), tentaria um alpinista. Suspirei e, com o lápis em riste, ataquei o terceiro tomo dos cinco volumes que constituíam o *curriculum vitae* do décimo primeiro candidato.

Perto da hora de jantar recebemos a visita de uma amiga e do filho que por ali estiveram um pouco, contando as miúdas notícias com que se entretém a amizade nos dias amenos. Após o segundo convite para jantar e dando-se, de repente, conta das horas, foram embora a correr; nós (os três da casa) já sentados à mesa.

Comi pouco, não sentia grande fome, e, distraído da comida, dei por terminada a refeição antes da minha mulher e do meu filho. Deixei-me estar, esperando que acabassem a sobremesa, debicando aqui e ali na conversa que eles entretinham.

Progressivamente, mas numa cadência obstinada, fui inundado pela sensação que me distanciava do que se passava ao meu redor, impressão que apercebi na consciência com muita estranheza: estava a ouvir o que *eles* diziam, mas era como se o escutasse de uma dimensão mais recuada; como se estivesse parado num desinteresse imposto do interior de mim mesmo, de dentro para fora. Não participava no que se passava — estava desatento, não porque estivesse fixado em algo meu, mas porque os meus sentidos tinham escorregado para outro nível; os estímulos habituais pareciam não funcionar, o meu olhar desfocava-se do que fitava e atravessava o que olhava: sentia que estava a ver através de..., para além de... Os restos no meu prato, uma